

PERCEPÇÃO DA PAISAGEM: UM OLHAR SOBRE A AVENIDA DOM JOAQUIM

Autor: DIAS, Luis Henrique Ferreira
Universidade Federal de Pelotas

Orientadora: COLLISCHONN, Erika
Universidade Federal de Pelotas

1 INTRODUÇÃO

A percepção da paisagem urbana, longe de ser algo óbvio ou rotineiro, é uma tarefa que enseja um consciente exercício de análise daquilo que a visão abarca. Assim, propõe-se no presente estudo, por meio da utilização do recurso fotográfico e a partir das imagens capturadas na Avenida Dom Joaquim, a exposição de algumas considerações acerca das formas de reprodução do capital e da vida, enquanto processos interdependentes e contraditórios que fazem da cidade um lugar de conflituosa harmonia cotidiana.

Com um espaço amostral definido: a Avenida Dom Joaquim, na cidade gaúcha de Pelotas, observar-se-á esses desdobramentos tipicamente urbanos. Partindo da concepção de Lefebvre na qual o espaço está compartimentado em concebido, percebido e vivido e orientando-se também no conceito de vida cotidiana (cotidiano urbano) de Odette Seabra, trilhar-se-á pela pista de caminhadas da Dom Joaquim.

Os passos desta pesquisa também apresentarão as rugosidades da paisagem, a questão das novas centralidades, os valores de uso e de troca dos lugares e as arquiteturas física e psíquica do espaço urbano em questão. Espaço este que apresenta, do cotidiano de seus moradores aos ditames do capitalismo, um universo de múltiplas perspectivas, que ao mesmo tempo é uno como o é o espaço e como são as “coisas da cidade”.

A simultaneidade de um acontecer urbano, que apresenta paredes e sonhos como expressões materializadas do capital e da vida na paisagem urbana, à pesquisa foi determinante na escolha do local, pois o que se relatará nas linhas vindouras é algo em plena formação, é o textual e imagético registro de uma página que está sendo escrita no interminável e globalizado compêndio urbanístico que também se reproduz em Pelotas.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Foram realizados trabalhos de campo durante o mês de maio do corrente ano nos quais se utilizaram o recurso fotográfico. As imagens foram capturadas em andanças pela pista de caminhadas da Dom Joaquim, no intuito de confrontar as marcas na paisagem oriundas do capital e da vida. Houve interpelações a alguns “usadores” da pista de caminhadas. E assim, caminhando, fotografando e entrevistando, e, baseando-se no referencial teórico escolhido, chegou-se a um quadro geral que possibilitou a realização da pesquisa ora apresentada.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No trecho urbano em questão, observa-se a consolidação de um processo de peri-urbanização iniciado de maneira mais notória há cerca de duas décadas. Da necessidade de as pessoas residentes ao longo da avenida contarem com um lugar aprazível à vivência de um dia-a-dia mais “desurbanizado”, inaugurou-se em 1991 a *pista de caminhadas da Dom Joaquim*, hoje referência em Pelotas.

Todavia, como nada parece escapar “aos olhos do capital”, aquilo que surgira do anseio espontâneo dos moradores e que fora concretizado pelo poder público, logo foi avistado pelas necessidades de reprodução do modo capitalista, o que faz assomar-se aos passeios em meio às árvores e por entre a grama, os prédios de moradia de alto padrão, uma (in) consolidada infra-estrutura urbanística e um elitizado comércio que faz desta avenida um belo “shopping a céu aberto”.

A Avenida Dom Joaquim é hoje um exemplo das novas centralidades que se criam nos perímetros adjacentes aos centros tradicionais das cidades de porte médio, das novas necessidades dos “seres urbanos”, surgidas da espontaneidade do capitalismo, onde se instauram espaços de convívio e consumo mais acessíveis àqueles que podem por eles pagar.

A identidade social que deu origem à pedra fundamental da pista de caminhadas e que se aproxima dos valores de uso dos lugares, agora, cada vez mais, mistura-se às identidades advindas do capital, estas irmanadas aos valores de troca; assim, o despertador das operações urbanísticas vai acordando territórios adormecidos de leste a oeste nesta avenida da zona norte da cidade de Pelotas.

Mas, este novo centro de consumo mantém a cotidianidade “verdejante” da avenida de antanho, há espaço para estacionar os carros, não ocorre o famoso empurra-empurra dos centros tradicionais de compras. Antes, firma-se a ideia do “no stress”, do passeio com o animal de estimação e das caminhadas que agora se dão também em meio às lojas que pululam como as charqueadas nas margens do Arroio Pelotas, duzentos anos antes.

Assim, o local escolhido como objeto da presente pesquisa parece se prestar perfeitamente à análise dos elementos a que ela se propõe. A Avenida Dom Joaquim, com o seu ritmo, sua ambiência e o seu cotidiano foi observada como um espaço que se reproduz segundo o modo de produção que impera.

Hoje, na Avenida Dom Joaquim, é flagrante o atual estado de transformação paisagística, com suas novas instalações comerciais e toda a rede de serviços específicos que se vai formando no curso e entorno da Avenida: a acelerada construção civil, a urbanização latente e todo o processo característico de concentração desenham no local uma nova escrita e (re) constroem a paisagem.

Encontram-se ainda construções desativadas, resquícios de outros momentos históricos como heranças de um passado recente que clama, por meio de suas velhas formas, ao presente em fuga para que este lhe dê novas funções.

O tecido urbano é formado também pela dialética existente entre dois tipos de valores: o de uso e o de troca. Estes são flagrantes ao longo da Avenida, pois a urbanidade vai artificializando a paisagem “natural”, a primeira natureza, a dádiva de Milton Santos, tornando-a cada vez mais uma representação de um espaço remoto no tempo ou, quem sabe, um ardil do atual sistema capitalista no intuito de proporcionar maiores lucros com a concepção de um “território verde” para alegrar os olhos dos que veem vitrinas enquanto pisam no cinza do asfalto e

gastam o dinheiro que não lhes pertence, pois tudo parece ser do sistema (a exemplo dos empréstimos financeiros) na nova ordem urbana dos promotores imobiliários e dos bancos.

Porém, na Dom Joaquim, como em Pelotas como um todo, ainda é possível encontrar a cidade e nesse espaço de concepção, percepção e vivência é possível, àqueles que têm como pagar, habitar com qualidade de vida, pois estes olhares fotográficos lançados sobre a Dom Joaquim também trouxeram à luz o embate dessas duas dimensões do urbano: a cidade como um direito e uma imposição; o ser humano urbanizado e o ser urbano humanizado.

4 CONCLUSÕES

A paisagem urbana é arquitetura em eterna (des) construção, é uma escrita que se escreve e se apaga conforme os desdobramentos do capital e da vida. Disso advém o dinamismo deste movimento que se equilibra em uma aparente desordem que nada mais é do que a ordem possível, pois é fruto dos embates latentes entre ricos e pobres, carros e coletivos, condomínios fechados e casas quase sem paredes e, principalmente, entre a capacidade de adquirir o supérfluo lado a lado à impossibilidade de contemplar o reino das necessidades.

Na Avenida Dom Joaquim, se observa como estas materializações econômicas e humanas se fixam na cena urbana como consequência e condição do modelo capitalista. E, se não há placas a dizerem “são proibidos os desfavorecidos economicamente” é bem verdade que estes se distanciam a cada dia deste local público que, pela lógica do capital, é mercadoria e, portanto, segrega os indivíduos que não podem consumi-lo, em seus valores de uso e/ou de troca, por insuficiência de recursos ou por aquela espécie de imposição (a) moral que afasta ricos de pobres e se constitui em uma preconceituosa convenção social que faz parte do corolário de regras imposto pelo sistema capitalista e reproduzido mais visivelmente nas cidades, na urbanidade de nossos dias.

5 REFERÊNCIAS

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. A (re) produção do espaço urbano. São Paulo: EDUSP, 1994
- LEFEBVRE, Henri. O Urbano (tradução de Margarida de Andrade) In *Le Retour de La Dialectique: 12 mots clef pour Le monde moderne*. Paris: Messidor/Éditions Sociales, 1986. P. 159-173.
- ROBIRA, Rosa Tello. Áreas metropolitanas, espaços colonizados. In *Urbanização e mundialização: estudos sobre a metrópole*. São Paulo: Contexto, 2005.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1996 (p. 61-75)
- SEABRA, Odette. Territórios do uso: cotidiano e modo de vida. *Revista cidades*. Vol. 1, n. 1, 2004. P. 181-206

